

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CLÍNICO DE PACIENTES PORTADORES DE DIABETES *MELLITUS* NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Nathália Silva Mathias¹, Fernanda Norbak Dalla Cort², Leila Zanatta³

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem – CEO - PIVIC/UDESC.

² Acadêmico do Curso de Enfermagem – CEO - PIVIC/UDESC.

³ Orientadora, Departamento de Enfermagem - CEO – leila.zanatta@gmail.com

Palavras-chave: Enfermagem. Diabetes *Mellitus*. Atenção Primária à Saúde.

Introdução: Diabetes *Mellitus* (DM) é definida como um distúrbio metabólico, identificado pela falta de produção ou ação da insulina ocasionando hiperglicemia, sendo que o seu tratamento pode ser de caráter farmacológico e/ou não medicamentoso (GUYTON, HALL, 2017). O DM é um agravo multifatorial que abrange aspectos como o papel do indivíduo na comunidade, sua autoestima, crenças, valores e outros, cujos fatores relacionados necessitam ser analisados de maneira isolada, bem como, de maneira associada pois, estão envolvidos no desenvolvimento do bem-estar geral do indivíduo durante o curso dessa Doença Crônica Não Transmissível (GOMIDES et al., 2013). **Objetivo:** Relatar através de um recorte da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso, o perfil sociodemográfico e clínico dos pacientes portadores de DM. **Método:** Os dados da pesquisa foram obtidos por meio da aplicação de um questionário, aos pacientes com DM que frequentam um Centro de Saúde da Família do município de Chapecó-SC. Após aprovação pelo comitê de ética da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), CAAE 79924117.8.0000.0118, a coleta ocorreu durante um encontro com os pacientes, efetuado na unidade, e através de visitas domiciliares, com auxílio das agentes comunitárias de saúde, no primeiro semestre de 2018. Para determinar o perfil sociodemográfico e clínico dos pesquisados foram utilizadas as variáveis: sexo, idade, estado civil, raça, escolaridade, profissão, tempo de diagnóstico, controle da glicemia, prática de atividade física e controle alimentar. **Resultados e discussões:** No compilado da pesquisa na área estudada, predominaram indivíduos portadores de DM do sexo feminino (59,52%), corroborando com os dados nacionais onde as mulheres também predominam entre os portadores. Já na estatística mundial, pode-se notar a inversão destes dados (CHACRA, 2017). A idade dos indivíduos variou de 37 a 91 anos (média de 68,36 anos), caracterizando assim um público de maioria idosos. A literatura traz a idade como um dos fatores contribuintes para o desenvolvimento de DM já que, o processo de envelhecer, envolve condições bio-psico-sócio-econômicas, que influenciam neste cuidado consigo (GOMIDES et al., 2013). A informação sobre a raça na referida pesquisa, foi autodeclarada e a amostra foi constituída majoritariamente por brancos (78,57%). Contudo, segundo a Sociedade Brasileira de Diabetes (2017), negros, hispânicos e índios Pima, são considerados mais suscetíveis a este agravo, relacionados também a fatores econômicos, de hábitos e comportamento. No item escolaridade, 50% não concluíram o ensino fundamental, já 28,81% completaram, 7,14% tinham ensino médio incompleto, 7,14% ensino médio completo, 7,14% ensino superior completo e 4,76% eram analfabetos. O nível de escolaridade influencia no desenvolvimento do agravo pois, dificuldades de compreensão, seja na leitura ou na escrita, podem comprometer a efetividade das orientações recebidas e interferir nas ações intervencionistas do autocuidado (GOMIDES et al., 2013). A maioria dos pacientes entrevistados

eram viúvos (38,10%), seguidos de divorciados (33,33%), casados (26,19%) e solteiros (2,38%). Em outros estudos a predominância de diabéticos se deu entre os casados, viúvos e solteiros respectivamente (SILVA et al., 2016). Indivíduos diabéticos divorciados ou viúvos, apresentam índices maiores de sintomas psicopatológicos, sugeridos pela falta de um companheiro para contribuir no apoio emocional, nos desafios da patologia, no processo de aceitação, adesão do agravo e na substituição dos hábitos de vida (CARVALHO, ANTONIO, 2018). Dentre os estudados, 52,78% eram aposentados e as profissões que mais predominaram foram do lar (36,11%), cozinheira (o) (5,56%) e motorista (5,56%). Quanto ao tempo de tratamento da DM, 21,43% se trata há menos de cinco anos, 28,57% entre cinco e dez anos, 26,19% de dez a vinte anos, há mais de vinte anos eram 19,05% e 4,76% não lembram quando iniciaram o mesmo. Mais de 60% dos entrevistados responderam monitorizar a glicemia às vezes, diariamente e uma vez por semana, foram 14,29% cada. A monitoração constante é um fator imprescindível para controlar as taxas de glicemia. A recomendação sobre a aferição é de que sejam, no mínimo, quatro medidas por dia, antes e depois de duas horas das principais refeições e ao deitar-se (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2017). Quanto à frequência das atividades físicas, 42,86% responderam que nunca praticam exercício, 30,95% relataram fazer às vezes, 16,67% responderam que praticam duas vezes por semana e 9,52% três vezes por semana. Um pouco mais da metade dos entrevistados (53,38%), diz que procura se cuidar quando o assunto é alimentação. Em contrapartida, 28,57% admitem não terem esse cuidado, enquanto o grupo que diz controlar às vezes, representa 19,05%. Quando o assunto é atividade física, exercícios aeróbicos combinados e resistidos, podem trazer resultados para o controle da DM. Ademais, a associação da mesma a alimentação saudável traz maior eficácia no tratamento já que o controle metabólico contribui para reduzir complicações associadas e controlar o manejo glicêmico (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES, 2017). **Conclusão:** Pode-se notar, diante dos resultados, a influência dos fatores sociodemográficos e clínico na terapêutica do agravo crônico. Portanto, indica a necessidade de estabelecer estratégias educativas sobre o autogerenciamento do cuidado, bem como, o comprometimento do profissional enfermeiro em relação a essas abordagens e viabilização do suporte necessário, visando diminuir as complicações e a taxa de mortalidade derivadas do DM.

Referências:

BRASIL. Sociedade Brasileira de Diabetes. **Diretrizes SBD**. São Paulo, 2017-2018.

CARVALHO, Paula Saraiva; ANTONIO, Claudia Isabel. Sintomas psicopatológicos e vulnerabilidade ao estresse em uma amostra portuguesa de indivíduos com diabetes. **Psicol. Teor. Prat.**, São Paulo, vol. 20, nº 1, p. 20-32, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n1p20-32>>. Acessado em: 07/07/2019.

CHACRA, Antônio. Sua Saúde: Diabetes é mais comum nas mulheres do que em homens. Hospital Sírio-Libanês, 2017.

GOMIDES, Danielle dos Santos et al. Autocuidado das pessoas com diabetes mellitus que possuem complicações em membros inferiores. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, vol. 26, nº 3, p.289-293, 2013. Disponível em: <<https://www2.unifesp.br/acta/pdf/v26/n3/v26n3a14.pdf>>. Acessado em: 06/07/2019.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John Edward. **Tratado de Fisiologia Médica**. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

SILVA, Aline Bueno da et al. Prevalência de diabetes mellitus e adesão medicamentosa em idosos da Estratégia Saúde da Família de Porto Alegre/ RS. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 3, p. 308-316, 2016.